

Sobre trajetórias de sociabilidade: a idéia de relé social como mecanismo criador de novas redes sociais

*Breno Augusto Souto Maior Fontes**
*Sabina Stelzig***

Artigo

Introdução

Este artigo tem por objetivo construir um recorte teórico do fenômeno de estruturação de processos de sociabilidade a partir das trajetórias de formação das redes sociais. Especificamente, pretende-se explicar como as pessoas constroem círculos sociais; como, por exemplo, por meio de outras pessoas ou de inserções institucionais, temos acesso a campos de sociabilidade que antes nos eram desconhecidos.

A expressão “rede social” é utilizada pelas Ciências Sociais como instrumento de análise que permite a reconstrução dos processos interativos dos indivíduos e suas afiliações a grupos, a partir das conexões interpessoais construídas cotidianamente¹.

Os processos estruturadores das redes sociais têm por origem as interações sociais estabelecidas pelos indivíduos, quer dizer, a estrutura de sociabilidade presente em cada um dos atores de uma interação, e que surge com base em “certos impulsos ou em função de certos propósitos”², e é organizada em campos

* Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Sociologia – PPGS-UFPE. E-mail: basmf@uol.com.br.

** Assistente do Instituto de Sociologia da Universidade de Hamburgo.

¹ Barnes, J. A. Redes sociais e processo político. In: Feldman-Bianco, Bela (Org.). *A antropologia das sociedades contemporâneas*. São Paulo: Global, 1987, p. 159-192.

² Simmel, Georg. Sociabilidade: um exemplo da Sociologia Pura ou Formal. In: Simmel, Georg. *Sociologia/Organizador* [da coletânea] Evaristo Morais Filho. São Paulo: Ática, 1993, p. 165-181 (p.179).

sociais, elementos de identidade de uma geografia social que permite, por exemplo, a localização dos indivíduos em uma estrutura social e as potencialidades interativas entre eles.

A noção de rede, deste modo, significa muito mais que um instrumento metodológico de análise de processos interativos: é um conceito central para a compreensão dos processos estruturadores da sociedade³. Estes complexos processos interativos são a chave para o entendimento – segundo alguns autores – dos fenômenos subjacentes à organização da sociedade. O fato de conhecermos as inserções dos indivíduos (a partir de suas redes egocentradas) em suas práticas cotidianas de sociabilidade nos permite inferir sobre as suas possibilidades de acessar os recursos e, portanto, qual a sua posição na sociedade; da mesma forma, nos é dado melhor compreender os mecanismos das complexas inter-relações existentes entre as organizações; o que nos permite uma análise bastante refinada do fenômeno do poder e da distribuição concreta dos recursos entre os diversos níveis institucionais. O ponto central de análise para os teóricos das redes sociais se desloca do *indivíduo* (posição compartilhada por muitas correntes das Ciências Sociais), ator e unidade de análise, ou da *estrutura*, elemento explicativo dos processos de organização social, para as posições concretas dos indivíduos e das organizações em uma determinada sociedade, segundo os padrões de estruturação das *redes* em que estão inseridos. Deste modo,

A análise de redes sociais parte do princípio de que o problema central dos estudos sociológicos é a noção de estrutura. Coloca-se maior ênfase na análise dos condicionantes estruturais da ação. O caminho mais direto para o estudo da estrutura social é a análise dos padrões de laços que ligam as pessoas. A análise de redes busca as estruturas

³ Sobre o fato de a expressão “rede social” designar uma teoria social, há controvérsias. Johnson, por exemplo, examinando a literatura sobre redes sociais, afirma que muitos autores consideram que redes sociais se referem a um conceito, operado por instrumentos metodologicamente poderosos. Entretanto, não seria uma teoria, no sentido de “assunções básicas estruturadas em um conjunto de proposições que estão interligadas e capazes de serem testadas”. Johnson, Jeffrey C. *Anthropological contributions to the study of social networks*. In: Wasserman, Stanley; Galaskiewicz, Joseph. *Advances in social network analysis*. London: Sage, 1994 (p.116).

profundas de sociabilidade – padrões regulares de redes – existentes por baixo dos sistemas sociais. Tenta-se descrever estes padrões e usar estas descrições para aprender como as estruturas de redes condicionam comportamentos e influenciam mudança social⁴.

Os atores sociais (indivíduos, organizações) são entendidos a partir de sua inserção em uma estrutura de rede social. O desenho desta rede posicionará este ator em um ambiente social, o que resultará em trajetórias biográficas particularizadas decorrentes de sua posição na estrutura social e das experiências por ele vivenciadas. O que significa dizer que, se de um lado, podemos encontrar determinantes na estrutura social, outros elementos de importância igualmente significativa podem ser encontrados nas ações dos indivíduos. Neste sentido, como afirma Galaskiewicz, “a análise de redes une as perspectivas micro e macro porque permite ao pesquisador focar sua atenção tanto na ação individual quanto no comportamento inserido em um contexto estrutural mais amplo”⁵. As trajetórias dos indivíduos não são determinadas integralmente por sua posição na estrutura social, nem somente pelos resultados de suas decisões. A sua inserção em uma estrutura de redes, embora de certa forma condicionada por sua posição na estrutura social, lhe garante um certo grau de liberdade na escolha de estratégias de ação, possibilitando deslocamentos na estrutura social. Ao mesmo tempo, o formato da rede social em que está inserido lhe possibilitará de certa forma localizar-se em posições diferenciadas no acesso a recursos – mesmo considerando comparativamente indivíduos com posições semelhantes na estrutura social.

Neste sentido, torna-se importante destacar o pano de fundo onde as ações dos indivíduos ocorrem (inserções em redes com configurações ou desenhos diversos), o que nos permite explicar, por exemplo, a importância das posições dos atores em diversos contextos de sociabilidade, resultante da complexa diversidade social encontrada nas sociedades contemporâneas. Estes

⁴ Wellman, Barry. Network analysis: some basic principles. In: _____ (ed.) *Sociological theory*. 1983 p. 155-200.

⁵ Galaskiewicz, Joseph. *Advances in social network analysis*. London: Sage, 1994 (p.xiii).

complexos processos sociais se estruturam no cotidiano, que trazem elementos importantes dos perfis dos atores e de suas possibilidades de inserção em repertórios diversos de ações sociais⁶.

Relés sociais

O fenômeno “relé social”, *grosso modo*, pode ser descrito como o mecanismo que produz e divulga a mobilização dos indivíduos para novas redes, criando-se, desta forma, “redes de redes”. Quer dizer, a partir de laços sociais preexistentes, acessamos pessoas e nos inserimos em outras localizações institucionais no nosso espaço de sociabilidade.

O conceito de relé social é tomado emprestado de Ohlemacher, que introduz esta idéia como instrumento para explicar processos de mobilização e recrutamento de militantes de movimentos sociais. É empregado neste caso como instrumento analítico para explicar, a partir das redes egocentradas, os processos de mobilização subjacentes a um movimento social. Os relés sociais produzem e divulgam a mobilização para novas redes; através deles são criadas novas “redes de redes”. Em relação ao movimento pacifista dos anos 80 na Europa Ocidental, por exemplo, temos as igrejas como relés sociais, e em relação ao movimento feminista, as universidades. O termo relé é empregado como alternativa ao termo “broker”, que é definido por Boissevain como “aquele que recodifica e seleciona um novo canal, codificando e transmitindo para o seguinte, ligando o ator em uma trilha de novas sociabilidades”⁷.

Grosso modo, relés sociais são redes que funcionam como contexto para relações face a face⁸. São as seguintes as funções dos relés sociais:

⁶ Neste sentido, o conceito de mundo de vida é bastante esclarecedor. Ver, a propósito, Habermas (1994).

⁷ Boissevain, Jeremy. **Friends of friends**. Networks, manipulators and coalition. Oxford: Blackwell, 1976, p. 152.

⁸ Consultar a este respeito Thomas Ohlemacher, “Brücken der mobilisierung. Soziale Relais und persönliche Netzwerke in Bürgerinitiativen gegen militärischen tie flug”; e também, do mesmo autor, “Struktur und System. Eine Empiriebasierte Annäherung von Strukturaler Analyse und Systemtheorie”. Habilitationsschrift na der Universität Hamburg, 1999, p.68 e ss.

1) eles ligam redes não conectadas anteriormente. Quer dizer, eles atuam como “*brokers*” entre estrangeiros ou grupos de estrangeiros. Pessoas entram em contato com outras através de “pontes” estabelecidas a partir de contatos sociais preexistentes. Seria o caso, por exemplo, de ser apresentado em uma reunião social a uma pessoa, e esta me introduzir em seu círculo social. Aqui, o conceito de círculo social em Simmel é bastante útil para a compreensão desta característica de relé social. Ultrapassando as fronteiras de sociabilidades primárias, o indivíduo na modernidade tende a ver estabelecidos os laços sociais preponderantemente a partir de contatos de natureza associativa, quer dizer, instrumentalizados em objetivos mais estreitos que aqueles fundados na amizade ou no parentesco. Os círculos sociais ampliados seriam acompanhados do crescimento da liberdade: “o laço não é abolido, mas com quem ou de que forma vem a ser uma questão de escolha”. (Simmel, 1999, p. 409). A natureza de elegibilidade dos círculos não impede, entretanto, a construção de redes relativamente adequada à posição do ator na estrutura social; na verdade, é um dispositivo que poderíamos qualificar de funcional, na medida em que reafirma o status e instrumentaliza de forma mais eficiente os recursos decorrentes de sua posição social⁹. Simmel (1999, p. 415), por exemplo, exemplifica esta natureza de os círculos sociais serem elegíveis (quer dizer, decorrentes da liberdade de escolha do ator) e ao mesmo tempo rígidos, decorrente da posição dos atores na estrutura social:

Na Idade Média, alguns círculos menos individuais permitiram à pessoa pertencer a círculos típicos, para além de seu status de burguês de uma cidade. As ligas hanseáticas eram alianças de cidades e permitiam ao indivíduo fazer parte de um círculo de atividades que não somente ultrapassava cada cidade em particular, mas as fronteiras do Império; as corporações não davam conta da complexa articulação jurídica entre as cidades, mas integravam o indivíduo para além de seu status de burguês, em associações que se estendiam por toda a Alemanha;

⁹ Há, é certo, espaços de escolhas estratégicas do ator, o que explica por que alguns alavancam recursos de maneira mais eficiente que outros, mesmo estando posicionados em igualdade na estrutura social.

- 2) eles formam um ambiente, a organização e a estrutura institucional de um grande número de relações face a face. Os relés se estruturam basicamente através de círculos sociais que entrecruzam processos de sociabilidades originários de redes egocentradas. Isto quer dizer que o campo originário é o reflexo das estruturações das práticas localizadas em vários espaços institucionais, decorrentes da especialização funcional dos processos de sociabilidade de indivíduos que vivem em sociedades complexas. Nem todos os espaços institucionais, entretanto, têm a mesma importância no que diz respeito à formação de campos adequados ao alavancamento de relés. Aqueles mais adequados às interações secundárias são os que mais se servem para originar oportunidades de acessos a novas redes;
- 3) algumas destas redes (redes de mediação) geram novas redes (sub-redes) e ao mesmo tempo renovam o conteúdo das redes antigas (redes de procedência); uma rede de mediação, por exemplo, a Igreja, para o caso do movimento pacifista, ao ser origem principal na formação de um novo campo institucional – conseqüentemente, com um grande número de atores sociais em situações multiplexas¹⁰ relativamente às inserções de sociabilidade –, pode ter o seu processo de filiação de novos membros alterado, na medida em que as redes de procedência tenham uma forte influência destes atores envolvidos no movimento pacifista. A relação entre as redes de mediação, de procedência e as novas inserções institucionais é um ingrediente importante para a compreensão dos processos de recrutamento de ativistas sociais, como veremos mais adiante;
- 4) a mobilização em um relé social ultrapassa as fronteiras do próprio relé. Quer dizer, se se considera o início do processo as articulações entre as redes de sociabilidade dos atores sociais, localizando um campo particular como aquele onde se concentra o encontro de sujeitos sociais articulados em um propósito comum para a ação coletiva (para o caso dos movimentos soci-

¹⁰ O conceito de multiplexidade remete à idéia de localizações múltiplas. Assim, “uma relação é multiplexa quando acontecem múltiplas transações, quer dizer, quando há um crescimento de parceiros. Assim, o índice de multiplexidade é dado a partir da seguinte relação: $m = n/p$, onde n é o número total de trocas e p o número de pares que estão em relação em pelo menos uma troca. (Forsé, 1999, p. 46).

ais), ou simplesmente para o estabelecimento de práticas compartilhadas (como por exemplo, a fundação de clubes recreativos ou de grêmios literários), estes novos campos institucionais não têm por origem exclusiva as redes de mediação, os relés sociais. Também devem ser considerados outros elementos importantes para a construção de práticas de sociabilidade, inclusive aquelas localizadas fora das relés. Poderíamos pensar, por exemplo, no fato de que o campo institucional recém-criado estabelece mecanismos próprios de atração de novos participantes, através de pontes entre atores lá inseridos e outros localizados nas redes egocentradas, não necessariamente incluídos em campos institucionais comuns. Pode-se, por exemplo, pensar que os indivíduos “a”, “b” e “c” introduzam “x” “y” e “z”, sem que haja necessariamente uma interconexão entre estes novos atores. Quer dizer, não se pode falar em um campo institucional que tenha atuado como rede de mediação, mas simplesmente de redes de procedência de atores que não se articulam entre si. Também outros mecanismos de recrutamento podem ser pensados, como por exemplo, a propaganda, os efeitos de demonstração resultantes da impressão causada à opinião pública das ações do movimento, etc. O que se quer afirmar é simplesmente que os mecanismos das redes, principalmente aqueles de relé social, são importantes ingredientes para a explicação dos processos de mobilização e recrutamento de atores.

Os relés sociais, por sua vez, apresentam as seguintes características estruturais:

- 1) eles têm de estar abertos a uma variedade de valores, experiências e várias conjunturas socioestruturais. Assim, eles conseguem atingir um elevado grau de heterogeneidade em sua composição (o mesmo vale para conjunturas políticas e culturais, situações socioestruturais e experiências individuais), já que, quanto maior o grau de heterogeneidade, maior a capacidade do relé social de ligar pessoas e redes anteriormente não conectadas. Quanto maior o grau de heterogeneidade das pessoas na rede, maior o grau de diversidade e, com isso, maior o potencial de expansão da rede a partir de um relé. Por isso, a fim de funcionar como um relé, os contatos das redes devem

estar bem estabelecidos na sociedade. Aqui, novamente, a idéia de Simmel sobre características específicas de afiliações a grupos na modernidade é central para a compreensão deste processo. Para Simmel¹¹, grupos sociais inseridos em um contexto sócio-histórico da modernidade são marcadamente estruturados a partir de critérios de elegibilidade de seus participantes. Há, de um lado, dada a crescente complexidade social, uma diversidade de orientação de valores bastante intensa; de outro, e de certa forma resultante da assertiva anterior, uma possibilidade maior de se elegerem filiações institucionais e padrões de sociabilidade mais adequados aos gostos individuais. O que significa dizer que estes espaços de sociabilidade são altamente heterogêneos, proporcionando desta forma a conexão de redes em combinações diversas. Os padrões de sociabilidade, desta forma, são fortemente móveis e instáveis (diferentemente, por exemplo, dos padrões das sociedades tradicionais, onde há uma certa rigidez estrutural no que diz respeito às oportunidades de novos contatos ou experiências de sociabilidade, para além dos grupos tradicionalmente organizados);

- 2) algumas dessas sub-redes, no contexto de diferentes contatos face a face, podem gerar novas redes, como por exemplo, um grupo de protesto. Esta sub-rede deve apresentar um elevado grau de homogeneidade em relação ao conjunto do relé. Esta é uma característica de processos de mobilização coletiva bastante conhecida dos que trabalham com a teoria da mobilização de recursos. O fato de que o recrutamento de novos militantes se dê a partir de contatos face a face é observado em diversos contextos¹². Indivíduos que são mobilizados a partir de redes egocentradas (muitas vezes, mas não preponderantemente, em inserções de laços de sociabilidade primários) são lançados em campos institucionais onde freqüentemente a diversidade de origens e trajetórias é bastante intensa; o que garante, de um lado, uma intensa heterogeneidade no conjunto deste campo de sociabilidade, mas ao mesmo tempo sub-redes bastante homogêneas, posto que resultam de situações de recrutamento nas quais os padrões de sociabilidade são caracteristicamente primários;

¹¹ Consultar a respeito Simmel (1999), o célebre ensaio sobre o estrangeiro. Ver também Prerscosolido (2002) e Coser (1965).

¹² Ver mais adiante sobre a teoria de mobilização de recursos.

- 3) a fim de poder ligar a heterogeneidade do relé com a homogeneidade da sub-rede, é necessária uma variedade de relações fracas (“*weak ties*”). Uma extensa mobilização, por sua vez, precisa de muitos laços fracos para: a) ligar a sub-rede com o conjunto do relé; e b) para a ligação com a sociedade e, assim, conseguir um contato com um potencial máximo de mobilização.

Ao analisar os relés sociais, o nível microestrutural (as relações entre contatos privados) não é o principal, mas sim o nível mesoestrutural. Interessa-nos quem conhece quem através de qual grupo. É interessante verificar como, por exemplo, dentro da estrutura de redes sociais das pessoas filiadas institucionalmente às associações voluntárias, se processa a formação dos relés sociais existentes nesta rede social. A estrutura das redes sociais dos atores participantes das associações voluntárias indica os principais relés, que instrumentalizam o acesso destas pessoas a outros grupos ou instituições. Estas “cadeias” transmissoras de sociabilidade indicariam o volume de capital social disponível, o que, por sua vez, se refletirá nas oportunidades de alocação de recursos.

As práticas associativas explicadas a partir do conceito de relé social

O conceito de relé social pode ser pensado como instrumento para o esclarecimento de diversos processos sociais. Interessa-nos particularmente trabalhar este conceito para a investigação empírica dos processos subjacentes às práticas associativas. Vale salientar que o conceito de relé, embora não seja muito utilizado, remete a uma série de fenômenos relativamente bem comentados na literatura das Ciências Sociais. No que diz respeito às práticas associativas, importa assinalar que, embora possamos considerar diversas teorias que tratem do assunto e que não remetam à teoria das redes sociais, muitas das questões abordadas são também passíveis de serem compreendidas pela idéia de redes. Mais ainda, que a teoria das redes sociais – no nosso caso, especificamente, o conceito de relés – promete ser um poderoso

auxiliar nos processos explicativos de como as pessoas são mobilizadas para participar em associações voluntárias. Neste caso, o recrutamento é movido principalmente pela “apresentação” do indivíduo a uma associação voluntária. Este indivíduo, que está localizado em um campo institucional qualquer, é levado a conhecer uma associação voluntária através de uma pessoa que faz parte de sua rede. Entre os inúmeros casos de explicação de recrutamento, este é relativamente pouco comentado. Embora a literatura não trate diretamente dos processos de recrutamento via redes, há uma extensa referência a este processo, e mesmo não nomeando mecanismos explicativos subordinados à idéia de rede, podemos identificar várias questões que são importantes para a análise.

- 1) Considere-se, por exemplo, a teoria de mobilização de recursos, que “ênfatisa a importância de fatores estruturais tais como a disponibilidade de recursos para a ação coletiva” (Klandermans, 1984, p. 583-600). Aqui há claramente um privilegiamento de fatores como recursos a serem disponibilizados e estratégias dos atores para alocá-los¹³. Não indica, entretanto, que muitos destes recursos se tornam acessíveis a partir das redes sociais dos atores considerados. Idéias como “*frame mobilization*” (que indica a seqüência de fluxos estáveis e previsíveis de comunicação entre atores que tendem a se organizar em torno de motivos razoáveis para a constituição da ação coletiva), ou a de “*political opportunity*”, que mostra a existência de condições favoráveis à mobilização política – visibilidade e legitimidade da causa, posição relativamente empoderada do movimento, etc. – descrevem com relativo sucesso processos de mobilização para a ação coletiva, mas não explicam como estas janelas de oportunidades são abertas. Como, por exemplo, fluxos comunicativos são mais densos em um ambiente de sociabilidade que outro? Que significam exatamente oportunidades políticas? Qual a dimensão distributiva destas oportunidades? (pensando, por

¹³ Remetendo, conseqüentemente, à teoria da escolha racional.

exemplo, que haja uma desigualdade na distribuição de recursos de comunicação e de oportunidade para ação, que esta desigualdade se explique principalmente à luz de fatores de ordem estrutural; que, entre estes fatores, há o componente do desenho das redes sociais).

- 2) Há, também, entre os estudiosos, o consenso de que as mobilizações coletivas não se seguem de maneira estável e uniforme. Há um fluxo e refluxo, momentos de ápice e outros de desmobilização. O problema dos ciclos de protesto¹⁴ aproxima-se daquele relativo às redes de mobilização na medida em que as estratégias de mobilização de recursos e de recrutamento de novos militantes apóiam-se fortemente nas redes dos participantes. Nestas estruturações das redes, o mecanismo de relés sociais é fundamental, na medida em que permite a análise dinâmica do processo (os diversos canais de comunicação estabelecidos entre as redes de origem, de mediação e de destino), conseqüentemente, das diversas fases de um processo de mobilização coletiva.
- 3) Uma outra questão muito discutida diz respeito à busca de explicações sobre como as pessoas são recrutadas para o movimento. À parte das explicações de natureza mais psicológica, diversos autores enfatizam o componente estrutural do processo (sem, entretanto, esquecer da relativa independência do ator que, diante de opções, escolhe a mais adequada, a que lhe seja mais satisfatória no que diz respeito à relação entre os custos e os benefícios da ação). McAdam (1986), por exemplo, quando analisa o processo de recrutamento em uma mobilização coletiva nos Estados Unidos, enumera como fatores indispensáveis à compreensão do processo, de um lado, os fatores individuais – diretamente ligados ao cálculo da relação custo/benefício da ação; por outro, fatores estruturais, que “puxam” o ator para ação: “(a) grande número de afiliações organizacionais; (b) maiores níveis de atividades ligadas principalmente a direitos civis; (c) laços mais fortes e intensos”. Por sua vez, Snow (1980) afirma que os processos de recrutamento são fortemente influenciados pela “proximidade estru-

¹⁴ Sobre ciclos de protesto, consultar Oliver (2000).

tural, disponibilidade e interações afetivas entre os membros do movimento” O que indica que os processos de recrutamento são fortemente influenciados pelas redes dos militantes, que trazem para o movimento novos membros. A relação entre os processos de recrutamento de novos membros e as redes dos participantes dos movimentos é um fenômeno que encontra evidência empírica em diversos estudos¹⁵, inclusive em alguns deles mostrando que a função de recrutamento é apenas uma entre outras também importantes exercidas em estruturas de sociabilidades das redes sociais dos participantes de uma ação coletiva. Passy (2000), por exemplo, afirma que “redes têm múltiplas funções no processo que resulta na participação em ações coletivas. Redes socializam e constroem identidades individuais (função socializadora), oferecem aos indivíduos que são culturalmente sensíveis a questões políticas mais específicas oportunidades para participarem (função de recrutamento), e moldam preferências individuais antes de os indivíduos decidirem juntar-se a um movimento (função de moldar decisões de atores)”. Estes autores citam e enfatizam a importância de se considerar o fenômeno de redes sociais. Não trabalham, entretanto, o conceito. Os modelos de análise empírica não consideram a instrumentalização do conceito, que é referido antes como um recorte a ser aprofundado que propriamente um componente da argumentação baseada em fatos empíricos.

Podemos, desta forma, constatar que o fenômeno de redes é bastante visível na literatura sobre associações voluntárias, mesmo se não explicitamente analisado. A sua importância é ressaltada, inclusive em alguns momentos colocando-se quase como *conditio sine qua non*, como é o caso no qual Scherer-Warren (1996) afirma que “os movimentos não se organizam apenas devido a interesses e oportunidades, mas também devido à existência de redes sociais”; ou mesmo na opinião de Melucci (1996), o fato de que os movimentos em sociedades complexas serem desdobramentos de “redes subterrâneas de grupos de encontro e circuitos de solidariedade”.

¹⁵ Consultar, a este respeito, Melucci (1996), Sampell (1998) e Baron (1997).

O instrumental teórico-metodológico de redes sociais utilizado para compreender o fenômeno associativo e o mecanismo das relés

Existem também outros estudos que instrumentalizam os recursos da análise de redes, mas não se percebe uma literatura extensa sobre questões relativas à idéia de relé social. Vale salientar que esta idéia apresenta uma série de desafios: um conceito novo, com relativo grau de complexidade, com instrumentos para análise empírica ainda em fase de construção. A sua importância para o estudo do fenômeno da ação coletiva, principalmente no que diz respeito à compreensão da dinâmica dos processos de recrutamento e de participação, como vimos, é desvelada pela literatura, que aponta o problema, mas que não o soluciona adequadamente. Aqui nos reportamos diretamente a algumas categorias que permitem compreender o fenômeno de redes sociais de uma maneira geral, de um lado; de outro, a partir de estudos empíricos – não necessariamente relativos ao fenômeno “associações voluntárias” – indicamos como estes conceitos são instrumentalizados. Embora não se tenha referência direta à idéia de relé, podemos verificar que muitos dos conceitos já trabalhados podem ser úteis na investigação empírica deste fenômeno. Comentaremos, a seguir, alguns estudos que instrumentalizam empiricamente alguns dos mais importantes conceitos de rede social. Na medida do possível, tentaremos indicar a utilidade destes conceitos para a pesquisa sobre relés.

- (a) Homofilia – Atores que ocupam posição semelhante na estrutura social têm alto grau de homofilia. As redes sociais egocentradas são normalmente estruturadas com sujeitos que se identificam, que partilham características socioculturais. Em sociedades complexas, os ingredientes estruturadores de identidades são aqueles derivados de posições de status adquiridos (mais que aqueles adscritos, originalmente atribuídos desde o nascimento), o que significa afirmar que as possibilidades de construção de identidade se orientam muito mais por ações seletivas que propriamente aquelas “naturalmente” atribuídas. O conceito de homofilia, neste caso, remete a um processo mais com-

plexo que o encontrado em sociedades tradicionais. Os laços sociais de natureza homofílica são aqueles nas quais as associações voluntárias mais se reportam quando do recrutamento de novos militantes. Popierlarz (1995) assinala este fato, indicando, além da importância para se compreender os processos de recrutamento, também a competição entre associações voluntárias por novos filiados. Tendo os prováveis novos militantes perfis semelhantes, os lugares¹⁶ de recrutamento serão coincidentes. A competição entre associações voluntárias no recrutamento de novos militantes, desta forma, se dá a partir do fato em que se verifique uma sobreposição de nichos (*niches overlapping*).

- (b) Círculos sociais¹⁷ – Conceito semelhante ao de nicho, o círculo social, definido aqui como “a forma de integração de seus membros através de curtos canais de interação” (Alba, 1978), implica o fato de que seus membros dispõem de oportunidades diferenciadas para o acesso a recursos, a partir de contatos estabelecidos no interior do círculo, de um lado, e de pontes para outros campos de sociabilidades, construídas a partir de membros do círculo social a que pertencem. A idéia de círculo social permite compreender os processos de afiliação grupal e de interação social (Degenne, 1999). Os indivíduos, a partir de suas trajetórias de sociabilidade, são introduzidos em uma série de círculos sociais, o que desenha o campo social onde está inscrito. Estes círculos e estes campos normalmente se inscrevem em relações sociais com forte conteúdo de homofilia, em um primeiro momento, mas também implicam relações não necessariamente ancoradas em laços identitários fortes: é, por exemplo, o caso da afiliação dos indivíduos a grupos sociais para empreender ações com interesses pontuais. Aqui, aparece a noção de redes sociais de nível intermediário (*mesolevel network*), formulada por Hedström, quando da explicação dos processos de difusão de movimentos sociais. Estas redes se localizam em um campo de sociabilidade mais amplo, com vínculos de pertencimento entre seus membros mais frouxos e com uma expansão territorial mais ampla, o que sugere uma complexa estruturação

¹⁶ A idéia de lugar significa campos de sociabilidade, algo próximo do conceito de “habitus” de Bourdieu (1994).

¹⁷ Aqui, a idéia de Simmel (1964) de redes de afiliação é seminal.

de pontes entre redes que compõem este nível intermediário. Hedström se utiliza deste conceito para explicar o processo de formação do Partido Social-Democrático na Suécia, e de como os ativistas do partido se utilizam das redes originalmente estabelecidas para construir pontes com outras redes localizadas em diversas partes do território da Suécia, estabelecendo desta forma uma grande rede de nível intermediário.

- (c) Multiplexidade – Diz respeito ao fenômeno da sobreposição de laços sociais, com localização em campos institucionais diversos. Refere-se, desta forma, ao número diferente de papéis que os indivíduos envolvidos em laços sociais exercem em diversos contextos de sociabilidade, como por exemplo, parentesco, vizinhança, colega de trabalho (“a” conhece “b” porque é seu parente, seu vizinho e trabalha na mesma empresa). Multiplexidade sugere, segundo Fischer (1977), redes sociais mais fechadas, ancoradas em laços fortes. Estas redes normalmente são menos permeáveis ao surgimento de novos membros e também são menos abertas para o estabelecimento de pontes com outros campos institucionais, o que dificulta o processo de mobilização coletiva.
- (d) Laços fortes e fracos – Redes sociais estruturadas a partir de laços fortes, conforme sugerido acima, são menos permeáveis ao estabelecimento de pontes com outros campos de sociabilidade. As de laços fracos, por outro lado, promovem a integração das pessoas em campos institucionais diversos, com uma maior probabilidade de as pessoas engajadas em laços fracos filiarem-se a associações voluntárias. O fato de estes laços abrirem os campos institucionais com a introdução de pontes a partir dos membros de uma rede original explica esta maior chance de engajamento em associações voluntárias. E também o fato de muitas vezes serem produzidas redes de mediação, que introduzem pessoas em outras redes, por exemplo, as de natureza associativa. Wuthnow (1998), por exemplo, nos mostra que as igrejas são importantes fontes de recrutamento de novos voluntários para as ONGs da região. Fontes (2004) também constatou, em pesquisa numa comunidade de baixa renda da cidade do Recife, que a Igreja exercia importante função como alavancadora de inserções de seus praticantes em movimentos associativos do bairro.

Conclusões

Estes e outros conceitos extraídos da literatura sobre redes sociais nos são bastante úteis para a construção do conceito de relé. Significando simplesmente o fato de alguns campos institucionais promoverem a inserção de indivíduos em práticas de natureza associativa; o desenho da rede, sua dinâmica, a posição dos atores nesta estrutura, enfim, a sua morfologia nos permite visualizar com maior clareza este processo. Se pensarmos o processo de recrutamento em associações voluntárias acionado a partir de mecanismos de relés, podemos, a título ilustrativo, pensar em três momentos: (a) o campo de sociabilidade onde o indivíduo inicialmente está localizado, designado de rede de procedência. Esta rede, segundo sua constituição – predominantemente multiplexa ou não, de laços fortes ou fracos –, é mais ou menos funcional ao engajamento de seus membros em associações voluntárias, (b) redes de mediação, campos institucionais onde se localizam os indivíduos e que são funcionais à introdução destas pessoas em associações voluntárias. O recrutamento se daria a partir de pontes estabelecidas entre pessoas que fazem parte deste campo institucional. É o caso, por exemplo, de membros da Igreja, que também fazem parte de uma associação voluntária, que convidam um outro membro para conhecer a sua instituição. As redes sociais localizadas no campo institucional da Igreja são designadas de mediação, porque recrutam pessoas para participação em outros espaços de sociabilidade, neste caso, associações voluntárias; (c) finalmente, os espaços de sociabilidade onde participam algumas pessoas originárias daquele campo institucional de mediação. Estes espaços são os lugares de chegada de novos atores sociais, recrutados através do mecanismo de relé social.

Não podemos afirmar que o mecanismo de relé social seja o principal explicativo do processo de recrutamento de militantes de movimentos associativos. Existem outros importantes, inclusive sem campo institucional definido. É o que, por exemplo, Gould (1993a) nos mostra, quando explica a mobilização dos trabalhadores nos protestos em Paris no século XIX, quando afirma que, ao contrário do que normalmente pensam os sociólogos e historiadores, os trabalhadores não foram mobilizados por suas associações

profissionais, mas a partir das redes de vizinhança. Naturalmente, neste caso, embora a mobilização para o protesto tenha por origem as redes de vizinhança, o campo profissional é o elemento determinante da mobilização, o que resulta em algum momento em uma maior relevância das associações profissionais.

No nosso recorte teórico-metodológico, sempre pensamos em relés sociais como localizadas em campos institucionais (Igreja, sindicato, partido), em espaços de sociabilidade com forte presença de laços fracos. Estes campos são ao mesmo tempo redes de mediação, mas também podem ser o destino final, quer dizer, podem ser em um momento relés, como também, ao receber novos filiados através de outros campos institucionais, representar o fim do processo. O importante a destacar é o fato de que devemos compreender o processo de estruturação das redes, primeiro como algo flexível, no qual os desenhos são constantemente atualizados; depois, com uma extensão relativamente indefinida (as redes se expandem e comprimem) e com diversos níveis. Uma rede egocentrada, por exemplo, pode ser ampliada – a partir das pontes construídas entre seus participantes e dos círculos sociais onde se localizam – *ad infinitum*. A partir de determinado momento, é claro, perde o poder explicativo. Cabe ao analista determinar a que nível de extensão deva ser desenhada sua pesquisa, obedecendo aos objetivos a que se propõe.

Referências bibliográficas

ALBA, Richard D.; MOORE, Gwen. Elite social circles. **Sociological Methods and Research**, v.7, n.2, p. 167-187, Nov. 1978.

BARON, James; JOEL, P. Resources and relationships: social networks and mobility in the workplace. **American Sociological Review**, 62, p. 673-693, 1997.

BIAN, Yanjie; Bringing strong ties back in: indirect ties, network bridges, and job searches in China. **ASR**, vol 62 (June, p. 366-385), 1997.

BOURDIEU, Pierre. **Distinction**. A social critique of the judgement of Taste. London: Routledge, 1994.

- BRATTON, Michael. Political participation in a new democracy. **Comparative Political Studies**, 32(5), p. 549-588. Beverly Hills: Sage, Aug. 1999.
- CASTELLS, Manuel. **The information age**. Economy, society and culture (Vol. II: The power of identity). Malden, MA: Blackwell, 1997.
- COSER, Lewis. **Georg Simmel**. Prentice Hall Inc, NJ, Englewood Cliffs, 1965.
- CRESS, Daniel Msnow; DAVID, A. Mobilization at the margins: resources, benefactors and the viability of homeless social movement organizations. **American Sociological Review**, Albany, vol 61, issue 6, p. 1089-1109, Dec. 1996.
- FISCHER, Claude (Org). **Networks and places**. Social relations in the urban setting. New York: The Free Press, 1977.
- FONTES, Breno Augusto Souto Maior; EICHNER, Klaus (2004). La formation du capital social dans une communauté à faible revenu. **Cellule Gris**, n. 10, Université de Rouen, p. 191-209, mars. 2004.
- FORSÉ, Michel; DEGENNE, Alai. **Introducing social networks**. London: Sage, 1999.
- GRANOVETTER, Mark. **Getting a job**. A study of contacts and careers. 2ª ed., Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- GOULD, Roger V. Trade cohesion, class unity, and urban insurrection: artisanal activism in the Paris Commune. **AJS**, vol. 98, n.4, p. 721-54, 1993a.
- GOULD, Roger V. Collective action and network structure. **American Sociological Review**, v.58, p. 182-196, 1993.
- HEDSTRÖM, Peter; SANDELL, Rickard; STERN, Charlotta. Mesolevel networks and the diffusion of social movements: the case of the Swedish Social Democratic Party. **AJS**, v.106, p. 145-72.
- INGRAM, Paul; ROBERTS, Peter. Friendships among competitors in the Sidney hotel industry. **AJS**, v.106, p. 387-423.
- LEE, Barret A; CAMPBELL, Karen E. Neighbor networks of black and white americans. In: Wellman, Barry. **Networks in the**

global village. Life in contemporary communities. Boulder, CO: Westview Press, 1999, p. 119-146.

KLANDERMANS, Bert. Mobilization and participation: social psychological expansions of resource mobilization theory. *American Sociological Review*, v.49, p. 583-600, Oct. 1984.

KEISTER, Lisa A. Exchange structures in lending and trade relations in chinese business groups. *ASR*, 66, p. 336-360.

KIN, Hyjoung; BEARMAN, Peter. The structure and dynamics of movement participation. *American Sociological Review*, v.62, p. 70-92, June, 1997.

KOGUT, Bruce; WALKER, Gordon. The small world of germany and the durability of national networks. *ASR*, 66, p. 317-335.

McADAM, Doug. Recruitment to high-risk activism: the case of freedom summer. *AJS*, v.92, n.1, p. 64-90, July, 1986.

MARWELL, Gerald; OLIVER, Pamela. **The critical mass in collective action.** A micro-social theory. New York: Cambridge University Press, 1993.

McPHERSON, J. Miller; POPIERLARZ, Pamela. Social networks and organizational dynamics. *American Sociological Review*, v.57, p. 153-170, April, 1992.

MELUCCI, Alberto. **Challenging codes:** collective action in the information age. New York: Cambridge University Press, 1996.

OHLEMACHER, Thomas. Social relays: micro-mobilization via the mesolevel. **Discussion paper FS III 920104** Wissenschaftszentrum, Berlin, 1992.

_____. Brücken der mobilisierung. Soziale Relais und persönliche Netzwerke. **Bürgerinitiativen gegen militärischen Tiefflug.** Wiesbaden. 1993.

_____. **Struktur und System.** Eine empiriebasierte Annäherung von Strukturaler Analyse und Systemtheorie. Habilitationsschrift an der Universität Hamburg. 1999.

OLIVER, Pamela; MYERS, Daniel J. Networks, diffusion and cycles of collective action. (Paper prepared for "Social movement analysis: The network perspective", a

workshop held at Ross Priory, Loch Lomond, Scotland, 22-25, june. 2000.

PANFICHI, Aldo. Networks and identities among urban poor in Lima, Peru. **LASA97 INTERNATIONAL CONGRESS, XX.** Guadalajara, México. Painei POL41: Networks and Political Culture. Argentina, Brazil and Peru.

PASSY, Florence. Socialization, recruitment, and the structure/agency gap. A specification of the impact of networks on participation in social movements. Paper prepared for “Social movement analysis: The network perspective”, a **workshop held at Ross Priory, Loch Lomond, Scotland, 22-25 june 2000.**

POPIERLARZ, Pamela; McPHERSON, J. Miller. On the edge or in between: niche position, niche overlap, and the duration of voluntary associations memberships. **AJS**, v.101, n.3, p. 698-720, november. 1995.

PESCOSOLIDO, Bernice; RUBIN, Beth. The web of group affiliation revisited: social life, postmodernism and sociology. **American Sociological Review**, 65, p. 52-76.

SCHERER-WARREN, Ilse. **ONGs: os novos atores da “Aldeia Global”.** Paper apresentado no GT01, “Cidadania, conflito e transformações urbanas”. Reunião Anual da ANPOCS, XX. Caxambu, MG, out. 1996.

SAMPELL, Rickard; STERN, C. Group size and the logic of collective action. A network analysis of a Swedish temperance movement. 1896-1937. **Rationality and Society**, v.10, n.3, p. 327-345, August, 1998.

SAMPSON, Robert. Linking the micro and macrolevel dimensions of community social organization. **Social Forces**, 70(1), p. 43-64, September, 1991.

SIMMEL, Georg. **Conflict and the web of group-affiliations.** London: The Free Press, 1964.

_____. **The philosophy of money.** London: Routledge, 1991.

_____. Sociabilidade: um exemplo da sociologia pura ou formal. In: SIMMEL, Georg. **Sociologia**. Organizador [da coletânea] Evaristo de Moraes Filho. São Paulo: Ática, 1993, p. 165-181.

_____. **Sociologie**. Études sur les formes de la socialization. Paris: PUF, 1999.

SNOW, David; ZURCHER JR., Louis A. Social networks and social movements: a microstructural approach to differential recruitment. **American Sociological Review**, v.45, p. 787-801, Outubro, 1980.

SMITH, Steven Rathgeb; LIPSKY, Michael. **Non profits for hire**. The welfare state in the age of contracting. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1994.

TARROW, Sydney. **Power in movement**: social movements, collective action, and politics. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

TOLBERT, Charles M; LYSON, Thomas A; IRWIN, Michael. Local capitalism, civic engagement and socioeconomic well-being. **Social Forces**, 77(2), p. 401-28, December. 1998.

VERBA, Sidney; SCHOLOZMAN, Kay Lehman; BRADY, Henry. **Voice and equality**: civic voluntarism in american politics. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1998.

WUTHNOW, Robert. **Loose connections**. Joining together in America's fragmented communities. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1998.